



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário
☎ (11) 95446-2020
Nº 43 - 18/10/2024



Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR)

Pelo fim imediato da guerra de Israel contra os palestinos e libaneses! Não à guerra do Estado sionista contra o Irã! Fora os Estados Unidos do Oriente Médio! Organizar a frente única anti-imperialista! Lutar sob o programa da revolução social para alcançar a paz entre os povos!

O governo de união nacional chefiado por Benjamin Netanyahu está cumprindo o plano de anexar a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. A carnificina desfechada contra os palestinos não deixa dúvida de que o Estado sionista recorre ao genocídio. Não há limites para os ataques da poderosa Força de Defesa de Israel. Utiliza-se abertamente dos métodos mais bárbaros do terrorismo de Estado. O objetivo de exterminar o Hamas corresponde à estratégia colonialista da anexação.

Os capitalistas israelenses, os Estados Unidos e demais potências imperialistas, como a Inglaterra, Alemanha e França, sobretudo, jogam com a guerra para manter o controle do Oriente Médio. O Estado de Israel serve de pão para o capital monopolista exercer a dominação e sustentar a ferro e fogo a opressão nacional. A resistência em favor da independência das nações oprimidas e do direito à autodeterminação do povo palestino tem sido esmagada. As guerras dos Estados Unidos contra o Iraque e as intervenções militares nos conflitos internos que emergem constantemente no Oriente Médio levaram a grandes ruínas, ao atraso econômico e à destruição de incontáveis vidas humanas. A devastação do Iraque e da Síria se deve ao intervencionismo norte-americano e aliados imperialistas ou pró-imperialistas.

As guerras na Palestina fazem parte do quadro geral das inúmeras conflagrações no Oriente Médio. A burguesia israelita conseguiu ocupar grande parte do território e confinar os palestinos na Faixa de Gaza e Cisjordânia. Não pôde completar, por-

tanto, a anexação. A resistência dos palestinos os têm mantido como nacionalidade, embora a mais oprimida em todo o mundo. A Faixa de Gaza se constituiu como um campo de concentração. E a Cisjordânia sobrevive como protetorado de Israel, suportando o avanço da anexação à custa de muita violência e sofrimento da população.

Sem se identificar a raiz histórica da opressão nacional e sem se evidenciar as relações de dominação imperialista que se impuseram desde a Primeira Guerra Mundial e a desintegração do Império Otomano, não é possível entender como é que no século XXI ainda se impõem os métodos do velho colonialismo e do genocídio de um povo por motivos territoriais.

A criação do Estado de Israel somente foi possível pela imposição da aliança vencedora da Segunda Guerra, sob a hegemonia dos Estados Unidos. O genocídio dos judeus pelo regime nazista contribuiu para fortalecer o movimento nacionalista sionista. A fração imperialista vencedora se utilizou dessa tragédia para criar um enclave na Palestina e, portanto, um posto avançado no Oriente Médio. As partilhas realizadas após a Primeira e Segunda guerras mundiais ao contrário de favorecer as identidades nacionais e impulsionar as forças produtivas integradas colocaram umas contra as outras.

A Palestina foi a região que mais sofreu com os ditames das potências. E os palestinos ficaram prisioneiros de uma partilha que lhes negou cons-

Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas
(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**



tituir um Estado nacional. A criação do Estado sionista se encarregou de bloquear definitivamente a necessidade histórica dos palestinos terem um Estado.

Essa contradição que se despontou desde a Primeira Guerra se converteu em impeditivo da autodeterminação da nação oprimida. A sequência de confrontações e guerras está na base da atual destruição da Faixa de Gaza e matança generalizada de palestinos. Está na base da expansão do intervencionismo das forças armadas de Israel para o Líbano. Está na base dos ataques à Síria. E está na base da possibilidade do conflito de Israel com o Irã se transformar em uma guerra no Oriente Médio.

O terrorismo de Estado como método da guerra de dominação da nação oprimida sem capacidade militar de defesa chegou ao ponto de Israel combinar a ampla destruição da Faixa de Gaza e agora do Líbano, com os assassinatos seletivos dos dirigentes do Hamas e do Hezbollah. Os atentados na Síria e no Irã foram declarações de guerra. Agora, chegou-se ao extremo de Israel se preparar para um ataque ao Irã. A resposta do governo iraniano aos atentados em seu território e fora dele, enviando mísseis sobre Tel Aviv, era o que o governo de Netanyahu esperava para criar uma situação de guerra contra o Irã. Ainda é uma incógnita se Israel bombardeará as usinas nucleares, os poços de petróleo ou se se limitará às instalações militares.

Os Estados Unidos anunciaram o envio de um avançado sistema de defesa antimísseis e uma centena de militares para manejar o aparato. Se assim o fizer, estarão dando mais um passo no envolvimento da guerra que tende a se generalizar no Oriente Médio. As Forças de Defesa de Israel se mostraram encorajadas a atacar até mesmo a Unifil (Força Interna das Nações Unidas no Líbano), que aí se encontram instaladas desde a retirada das tropas de Israel do território libanês em 2000. A ONU não foi capaz de reagir. A sua desmoralização chegou ao ponto de governo Netanyahu considerar o Secretário-Geral da ONU, Antônio Guterres, “pessoa não grata”.

No momento em que recrudescem as tensões no Oriente Médio, a guerra na Ucrânia chega a tal impasse que Zelenski, desesperadamente, apresenta no Congresso da Ucrânia o denominado “Plano da Vitória”. Pede à OTAN que aceite o ingresso da Ucrânia, que as potências autorizem atacar a Rússia com os mísseis de longo alcance e implora por mais armas. Esse é um plano para colocar a aliança imperialista em guerra direta com a Rússia. Embora a própria OTAN tenha considerado improcedente, esse gesto do governo ucraniano expõe as tendências mais profundas da guerra na Europa.

As manobras militares da China no estreito de Taiwan em resposta à movimentação militar dos Estados Unidos na região e, por sua vez, o exercício da OTAN com a Finlândia, objetivando a preparação “para responder de forma coordenada uma

ameaça nuclear” evidenciam a que ponto a escalada militar expressa a profundidade da crise mundial do capitalismo. Está claro, mais hoje do que antes, que a Ucrânia não tem como reverter a ocupação de parte de seu território pela Rússia. O que indica a sua derrota. O problema está em saber se os Estados Unidos e sua aliança vão procurar salvar a Ucrânia lançando a OTAN no campo de guerra com a Rússia. Essa possibilidade continua vigente, ainda que a menos provável. Da mesma forma, guardadas as devidas diferenças, há o risco de uma guerra de Israel contra o Irã. A guerra comercial dos Estados Unidos com a China tende a avançar no plano do choque militar. Concretamente, as potências se preparam para a pior variante, que tomará a atual crise.

É necessário considerar o lugar da luta de classes nos marcos das guerras e da escalada militar. A classe operária e os demais explorados já sentem as consequências desses acontecimentos. As disputas comerciais e as guerras são descarregadas sobre a força de trabalho e as nações oprimidas. Os gastos parasitários com o armamentismo resultam em destruição e retrocesso de parte das forças produtivas. Inúmeras manifestações das massas indicam a tendência dos explorados de reagirem à barbárie capitalista. As manifestações iniciais em todo o mundo em defesa dos palestinos expressaram a necessidade da luta anti-imperialista e anticapitalista. O recuo do movimento é provisório.

Diante do avanço da decomposição econômica e dos choques mundiais, os explorados sentirão os perigos do abismo. Em grande medida, o baixo número de manifestações se deve às direções conciliadoras pró-burguesas. Cabe à vanguarda com consciência de classe manter erguidas as bandeiras do proletariado e trabalhar pela organização independente dos explorados perante a política burguesa. Está colocada, objetivamente, a unificação da maioria oprimida por meio de uma frente única anti-imperialista. Essa é a via para impulsionar a luta de classes e amadurecer as condições subjetivas para a revolução social.

Trabalhadores e juventude oprimida, lutemos em nossos sindicatos e movimentos para que se coloque em marcha um movimento revolucionário anti-imperialista e anticapitalista. Lutemos pelo fim das guerras de dominação por meio da luta de classes. Somente a classe operária à frente das massas oprimidas pode derrotar a política de guerra do imperialismo e ganhar terreno no combate pela revolução socialista.

LANÇAMENTO!

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza

A Decomposição do capitalismo traz à tona o programa da Revolução Social. A Tarefa histórica consiste em superar a crise de direção.

Adquira já com o distribuidor do Jornal Massas.

R\$ 40

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

GUERRAS NA UCRÂNIA E NA FAIXA DE GAZA POTENCIAM A CRISE MUNDIAL. RESOLUÇÕES, MANIFESTOS E DECLARAÇÕES

A DECOMPOSIÇÃO DO CAPITALISMO TRAZ À TONA O PROGRAMA DA REVOLUÇÃO SOCIAL. A TAREFA HISTÓRICA CONSISTE EM SUPERAR A CRISE DE DIREÇÃO